

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teoria e Prática de Ensino de Leitura e
Produção de Textos

Rosemary Hermógenes da Silva

LEIO, LOGO IMAGINO E RESSIGNIFICO O MUNDO:
a importância da formação da cultura literária nos primeiros anos do Ensino
Fundamental.

Belo Horizonte
2021

Rosemary Hermógenes da Silva

LEIO, LOGO IMAGINO E RESSIGNIFICO O MUNDO:
**a importância da formação da cultura literária nos primeiros anos do Ensino
Fundamental.**

Monografia de especialização apresentada ao
Curso de Especialização em Língua Portuguesa:
Teoria e Prática de Ensino de Leitura e Produção
de Textos - PROLEITURA, da Faculdade de
Letras da Universidade Federal de Minas Gerais,
requisito parcial à obtenção do título de
Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a Leiva de Figueiredo Viana

Belo Horizonte
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA ROSEMARY HERMOGENES DA SILVA

Realizou-se, no dia 29 de outubro de 2021, às 10:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *LEIO, LOGO IMAGINO E RESSIGNIFICO O MUNDO: a importância da formação da cultura literária nos primeiros anos do Ensino fundamental*, apresentado por ROSEMARY HERMOGENES DA SILVA, número de registro 2020656340, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal - Orientadora, Profa. Vera Teixeira Aguiar (PUC/RS), Prof. Vicente Aguiar Parreiras (CEFET/MG).

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 29 de outubro de 2021.

Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal (Doutora)

Profa. Vera Teixeira Aguiar (Doutora)

Prof. Vicente Aguiar Parreiras(Doutor)



Documento assinado eletronicamente por **Leiva de Figueiredo Viana Leal, Usuário Externo**, em 08/11/2021, às 12:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vicente Aguiar Parreiras, Usuário Externo**, em 09/11/2021, às 14:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vera Teixeira de Aguiar, Usuário Externo**, em 10/11/2021, às 10:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1025819** e o código CRC **F69B25AB**.

À memória de meus amados irmãos Lilian e Marcelo, com toda gratidão por tudo que me ensinaram sobre a simplicidade da vida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família, principalmente à minha mãe, por sempre estar comigo na caminhada da vida e por ter me incentivado a gostar de ler;

Agradeço também aos meus colegas de curso que pelas discussões e compartilhamentos me ajudaram a refletir e conhecer sobre novas possibilidades do fazer pedagógico;

Agradeço também a toda e todo professor desse curso e quero dizer que cumpriram com maestria o papel de mediadores do conhecimento, pois aprendi e descobri muitas coisas que não conhecia;

Ainda, quero agradecer a equipe do PROLEITURA, principalmente à Cacilda, por ter dedicado a mim, toda solidariedade em um dos momentos mais difíceis de minha vida.

Muito obrigada!

A importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto investigar sobre a importância da poesia no processo de ensino/aprendizagem de leitura dos estudantes do ensino fundamental. Delineou-se como problema de que forma as propostas de trabalho com textos poéticos podem ressignificar o ensino de leitura em sala de aula, principalmente no que refere a formação da oralidade, criatividade e reflexão desses estudantes a respeito de fatos da vida e do seu processo de aquisição do hábito e do prazer de ler. Para tanto, espera-se a realização de estudo bibliográfico sobre o processo de ensino e aprendizagem de leitura literária. Almeja-se mostrar também a possibilidade de aprimorar o uso de poesia na sala de aula através do uso de práticas pedagógicas que tenham como propósito o resgate do prazer de ler poesia.

Palavras chaves: Leitura literária; formação de professores; Poesia; formação do leitor

ABSTRACT

The present work aims to investigate the importance of poetry in the teaching/learning process of reading by elementary school students. It was outlined as a problem in which way the work proposals with poetic texts can give new meaning to the teaching of reading in the classroom, especially about the formation of orality, creativity, and reflection of these students about facts of life and its process acquisition of the habit and pleasure of reading. Therefore, a bibliographic study on the teaching and learning process of literary reading is expected. The aim is also to show the possibility of improving the use of poetry in the classroom using pedagogical practices that have the purpose of recovering the pleasure of reading poetry

Keywords: Literary reading; teacher training; poetry; reader training

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 DESENVOLVIMENTO	13
2.1 A importância do texto literário: a poesia	13
2.2 Poesia na sala de aula: espaço para alegria e criatividade	15
2.3 Ler é uma busca de sentido, um desvendar do mundo	17
2.4 Aprender para ensinar: o ensino de literatura e os desafios da formação do professor	20
2.5 Leitura e construção de sentido: proposta de trabalho com textos multimodais.....	23
3 PROPOSTA DE ATIVIDADE	28
3.1 Roteiro de leitura e produção textual: vestidos de poesia e calçados de imaginação: música e poesia em sala de aula	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

1 INTRODUÇÃO

Minha paixão pelos livros não tem data. Acredito que desde que me entendo por gente, gosto muito deles – mesmo quando ainda não sabia ler. Sempre que tinha oportunidade, recorria à cristaleira de minha avó – na verdade não sabia por que tinha esse nome, só havia livros naquele móvel, então, penso que deveria ser chamado de “livreira”. Era encantada por aquele objeto! Não era um móvel bonito, pelo contrário era até feioso – contudo aos meus olhos de menina curiosa, era um tesouro renascentista!

Mas, o maior obstáculo era o acesso a tal cristaleira, sua localização na casa, demandava uma certa esperteza – entrar no quarto de um tio solteirão e *bon vivant* (excluindo a parte do bem-humorado e alegre). Naquela época, assim como hoje, também era difícil persuadir um jovem a sair do quarto, então, comecei a prestar atenção aos sinais – como uso de fones de ouvido era artigo de luxo, a música era para todos da casa e fora dela, gostando ou não. Quando não havia música alta, não havia tio também – o que significava acesso livre para o quarto. Então, aproveitava esse momento de distração para pegar os vários livros de capas de couro em diferentes tons de azul. Mas o meu preferido possuía uma capa de tom azul petróleo e ao centro talhada em folha de ouro, havia em relevo uma pena de ave. Era o predileto por conter em suas folhas centrais, algumas figuras muito bonitas impressas em papel offset.

Futuramente, descobri que aqueles livros eram uma espécie de enciclopédia, que hoje tornaram-se obsoletas, devido ao advento das ferramentas de busca e registro da informação da internet. Gostava também de ficar vendo e revendo uns livrinhos que o meu avô, que na época era Presidente do Conselho da Sociedade São Vicente de Paula, recebia quinzenalmente. Era raro aparecer gravuras nesses periódicos, contudo vez ou outra aparecia fotos do meu ilustre avô.

Aprender a ler para mim foi um desejo intenso, queria ler sozinha para poder ser a dona de toda aquela fantasia. Minha mãe, de posse do livro didático de meu irmão mais velho, lia “*As meninas*”, de Cecília Meireles ou cantava a música a “*A banda*” de Chico Buarque de Holanda – por outras vezes, enquanto banhava minha irmã caçula, recitava também o poema “*Minha enxadinha*” do autor Faria Neto. Eu ficava encantada em saber que um livro, tivesse música e poesia. “*Arabela abria a janela... Carolina abria a cortina...*” Enquanto minha mãe lia, eu imaginava as cenas das meninas, depois tentava reproduzir em um papel a ilustração. Claro, não saía nada parecido, porém, de tanto escutar o poema decorei. De cor...de coração! Aprendi a ler e até hoje minha paixão é a leitura.

Dessa forma, desde muito cedo, fui enveredando pelo mundo fantástico da leitura e da poesia. A leitura faz parte da minha vida, tal qual o ato de respirar. Aprender a ler foi o meu maior desejo. Sonhei com o dia em que poderia decifrar sozinha todas as letras e nunca mais parar. Contudo, em minha casa não havia muitos livros e em minha escola a biblioteca não era para todos, aliás não era para ninguém. Grande desapontamento, a biblioteca da escola pública permanecia com portas e janelas trancadas a todo momento. Os estudantes não tinham acesso aos livros, no tempo em que frequentei a escola, nunca utilizei a biblioteca – não havia a dinâmica de empréstimo de livros. Eu me lembro de ficar observando os livros pelas frestas, entre as cortinas azul royal, pois era a única coisa que restava.

Então, em meus primeiros anos na escola, lembro que o trabalho com os textos poéticos eram raros – geralmente eram utilizados em solenidades para homenagear alguém ou apareciam vez ou outra em livros didáticos. Contudo, tratava-se de poesias cujos versos tinham métrica e rima, ou seja, pareciam palavras musicadas. Não havia uma preocupação com a declamação, compreensão, escuta, interpretação e produção de poemas - as professoras escolhiam aquele (a) aluno(a) padrão (comumente o branco, da “melhor família” do bairro, uniformes alinhados, etc) e ensaiava com eles (as) em forma de jogral ou um dos “bonitinhos” “recitava” ansiosamente o texto escolhido.

Todavia, mesmo que o texto poético fosse pouco trabalhado em sala de aula, recordo que participava de um grupo de estudantes (amigas) e que quando terminávamos as atividades, a gente brincava de recitar poemas. Existe um em especial que me lembro até hoje - “Um ninho de tico-tico” - Autora: Zalina Rolim, a seguir:

*Um ninho de tico-tico
Feito de arte e amor
Achei no galho mais rico
Da minha roseira em flor.*

*Entre as flores encoberto
Ninguém sabe que ele existe
É preciso olhar de perto
Para que a gente o aviste.*

*É lá no fundo somente
Três ovinhos, nada mais...
E o ninho tão fofo esquenta
Os três ovos tão iguais.*

*Mas tive muito cuidado
Não toquei com meus dedinhos
Mamãe disse que é sagrado
O ninho dos passarinhos.*

Na quinta série (equivalente ao 6º ano do ensino fundamental) fui transferida para outra escola, onde apesar de ser submetida a metodologias que abordavam a leitura literária como uma obrigação – a biblioteca era de acesso livre e irrestrito. Também, fui apresentada a uma nova maneira de avaliação literária – a teatral. A professora de Arte, juntamente com a de Língua Portuguesa e Literatura, nos envolvia em peças de teatro, que eram na verdade adaptações elaboradas por nós, de obras de autores(as) consagrados(as) e clássicos da literatura brasileira, inclusive de textos poéticos.

Então, posso afirmar que minha formação como leitora foi de certo modo privilegiada, uma vez que abrangia o ingrediente principal para o bom aprendizado – que é o desejo de aprender, além de também contar com a ajuda de pessoas importantes – minha mãe, meu avô, minha tia, alguns maravilhosos professores e até meu pai, que mesmo sendo um alfabetizado funcional, possuía uma relação com o saber – tinha a consciência de que saber é poder, principalmente para uma mulher. O que essas pessoas me deram foi muito mais que a materialidade, foi o estímulo.

Incontestavelmente, encontrar a biblioteca sempre fechada na primeira escola em que estudei foi frustrante, mas não foi páreo para aniquilar minha satisfação e alegria durante as várias vezes em que a professora da primeira série (equivalente ao 2ºano) contou histórias, utilizando como único recursos didáticos os pesados cartazes amarelados pelo tempo (flip chart) e os livrinhos que levávamos de casa; nem quando a luz do bairro acabava e meu avô narrava contos antigos; muito menos com alegria que sentia ao ouvir a leitura titubeada de meu pai do jornal de Estado de Minas aos domingos. Estímulo.

De certo modo, esse incentivo e a paixão pelos livros me faz hoje, como professora, perceber, observar e valorizar a presença do texto literário, sobretudo o poético no cotidiano dos estudantes - quando esses registram versos e mensagens de/para seus colegas em agendas, quando vez ou outra escrevem versinhos para os professores e parentes ou cantam letras de rap e utilizam da música para manifestar suas satisfações e indignações. Contudo, percebo que todo esse rico material não é levado em consideração, muito menos utilizado pela escola ao elaborar seus planejamentos e propostas didáticas. No entanto, questionam do porquê da constância exagerada do fone do celular conectado ao ouvido dos estudantes. Ouso responder que não há conexão com certas escolhas didáticas, hoje ultrapassadas por novos tipos de letramento, sobretudo o digital.

O poeta Carlos Drummond de Andrade afirmava:

Por que motivo as crianças de modo geral são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionado com a necessidade do jogo, a

ausência do conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver[...]? Acho que é um pouco tudo isso, e mais do que isso, [...]. Mas se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão coma poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância que vai fenecendo à proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida?¹

Entretanto, o que parece evidente é que a atitude do professor diante do texto poético em situação de sala de aula está relacionada à sua formação profissional, as suas crenças e concepções de educação, de homem, de mundo e de si mesmo, confirmando-se que a sociedade guarda estreitas relações com a escola, ou seja, o que se espera do educando é que gradativamente ele vá deixando de lado as atividades lúdicas pelas atividades consideradas sérias. A sociedade separa as atividades do cotidiano em duas categorias: aquelas que são “sérias” – trabalhar, casar, estudar; daquelas “não sérias” – brincar, jogar, fabular, cantar, dançar.

Sendo assim, a escola que muitas vezes reproduz a sociedade, também separa suas atividades nessas duas categorias, o texto poético então, fica fadado à categoria das atividades lúdicas, considerado “não sério”. À medida que as crianças vão crescendo, elas estudam os textos literários de uma maneira menos intensa, principalmente a poesia, ou de forma mais técnica – deixando a leitura criativa e por prazer aos momentos de recreação e desvinculada da sala de aula e das produções extramuros escolares. O que parece provocar ainda mais, o distanciamento entre teoria escolar e práticas cotidianas, ou seja, o estudante muitas vezes, não associa ou vê sentido no que estuda na escola para sua vida.

Diante dessas reflexões, a proposta de ensino para este trabalho foi elaborada a partir do seguinte questionamento: de que forma as propostas de trabalho com textos poéticos, podem ressignificar o ensino de leitura, principalmente no que refere a formação da oralidade, criatividade e reflexão a respeito de fatos da vida? Para responder a esse questionamento esse trabalho tem como objetivo principal demonstrar que o incentivo à leitura poética, envolve os estudantes e despertar nesses interesses diversos e sobretudo emoções, ampliando assim, sua visão de mundo.

Para isso, elaboram-se os objetivos específicos: Refletir sobre a importância do trabalho com textos literários e sobre a influência desses na formação do leitor; reconhecer a importância da poesia na prática pedagógica que, ostentam a leitura, um ato prazeroso; analisar o papel da escola e do professor como motivadores do hábito de leitura; apontar a possibilidade de práticas didáticas que propiciem o trabalho de poesia. Assim, por meio de uma sequência didática

¹ANDRADE.C.D.de, A Educação do ser poético. Arte e Educação, ano 3, n.15, out.1974, p16, apud

intitulada “**Vestidos de poesia e calçados de imaginação: música e poesia em sala de aula**” será proposto atividades que além de privilegiar o trabalho do texto poético, ainda permitirá a utilização de gêneros musicais, o que poderá enriquecer e muito as práticas didáticas cotidianas em sala de aula. Ainda, para impetrar os objetivos e respostas acerca da problematização apresentados neste trabalho, será necessário a apreciação crítica da bibliografia, previamente escolhida. O caráter desse estudo é essencialmente qualitativo, tendo ênfase na observação e estudo documental.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A IMPORTÂNCIA DO TEXTO LITERÁRIO: A POESIA

Vários autores afirmam que se a leitura for estimulada e exercitada com maior atenção por todos os professores, repercutirá especialmente na manifestação escrita e oral do estudante, isto é, na organização formal de seu raciocínio, expressão e criticidade, resultando como consequência em seu bom desempenho em todas as disciplinas. Vale salientar, que ensinar e incentivar a leitura, não é papel somente das disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura, mas sim, tarefa de todas as áreas de ensino. Então, cabe ao professor de cada disciplina desenvolver e orientar a leitura, atendendo ao objetivo de ensinar aos estudantes ler diferentes gêneros e tipos de texto, apreendendo as diferentes formas de leituras e sentidos. Sobre isso, Cagliari (1994) afirma:

Não falo de ensino programado, que reduz tudo a um condicionamento pelo texto, mas penso que a escola precisa ensinar os alunos a ler e a entender não só as palavras, as histórias das analogias, mas também os textos específicos de cada matéria, as provas de cada área, as instruções de como fazer algo etc. A leitura não pode ficar restrita à literatura e ao noticiário. (CAGLIARI, 1994, p. 149)

A leitura não é um comportamento natural do ser humano, tal como dormir ou comer; ela é cultural e precisa ser ensinada e, conseqüentemente aprendida. Desde muito cedo, já se convive com situações de leitura de diversos tipos de textos – cartazes, logomarcas, letreiros de lojas, supermercados e ônibus, chamadas televisivas e muitas outras mensagens, porém são poucas as situações que propiciam um contato com leituras literárias, pois estas, segundo Bourdieu, estão condicionadas aos fatores econômicos, isto é, as produções privilegiadas socialmente. São aquelas que dizem respeito à classe dominante, que sustentam seus valores e justificam seu poder.

(...) para que sejam desfavorecidos os mais favorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Tratando todos os educandos, por mais

desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura”. (BOURDIEU, 1998, p.53)

Assim, para ter acesso ao capital cultural, o educando precisa dispor de condições econômicas e educacionais que lhe permitam transitar nesse meio literário. Geralmente, o primeiro contato (em alguns casos também poderá ser o último), que o sujeito terá com esse tipo de texto, é na escola. A escola, no entanto, preocupa-se em transmitir ensinamentos sobre a literatura e não ensina a ler. A educação formal repassa dados sobre histórias de autores e obras, exige exercícios de análise textual para emissão de juízos, o que poderá tornar o estudante um especialista em literatura, sem o converter em leitor, ou seja, não desperta o gosto, a predisposição interna para a leitura.

Para tanto, a leitura na escola não pode restringir somente às atividades obrigatórias, por cobrança ou simplesmente como pretexto avaliativo, deve ser vista também como uma experiência prazerosa capaz de iluminar os mundos de conhecimentos, proporcionar sabedoria, permitindo a conexão com autores e personagens literários, lugares, tempos e experimentos que jamais poderíamos conhecer pessoalmente – extravasar a imaginação.

Segundo Vera Teixeira de Aguiar (2007), os interesses de leitura surgem para atendimento de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo. No primeiro caso, textos calcados na realidade imediata, que referem ao que é e ao que foi, satisfazem aos apelos do leitor, que neles encontra informações, instruções, normas importantes para si num determinado momento. No entanto, é na leitura de textos de ficção e poéticos que o leitor depara com elementos de sua realidade representada, o que desencadeia o processo de identificação e, conseqüentemente o prazer de ler. É o que também defende Ezequiel Theodoro da Silva, ao se referir à leitura literária, a saber:

Com as fantasias produzidas na interação leitor-leitura surgem como que gradados, elementos de conhecimento. Assim, o percurso do leitor, em si mesmo e por si só, é pedagógico. Assim, a ficção ensina. O importante, portanto, é o encontro. Há sempre um livro à nossa espera... e, se esse livro não der conta da expectativa, outros tantos ainda existem, ainda à espera... Desejo (diálogo/construção), des-gelo (emoção/percepção), des-coberta (aventura no mundo). (SILVA; ZILBERMAN, 2008, P. 30)

Então, devo aqui salientar que quando ouvia minha mãe recitar o poema “*Minha enxadinha*” – conseguia identificar e ressignificar na personagem, a figura de meu avô, que com sua enxadinha, fazia as covas para plantação de milho, logo após as primeiras chuvas de setembro, quando ao preparar a horta removia a terra para plantar as hortaliças, ou seja, me

aproximava do texto e de minha realidade cotidiana, o que corrobora com as teorias dos autores aqui citados.

A leitura, principalmente a de textos poéticos, proporciona ao leitor a capacidade de controlar sua imaginação e de fazer sua interpretação subjetiva do que lê, ou seja, difere dos outros meios de informação audiovisual – do desenho animado, por exemplo. Quando a criança lê um texto (principalmente sem imagens), precisará ativar vários conhecimentos prévios, lexical, cognitivo e metacognitivos para interpretar e imaginar o que está sendo dito, porém, no segundo caso, a leitura que fará se restringe ao que lhe foi mostrado, ou seja, ficará mais limitada à imagem.

Então, para Aguiar, ler ficção e poesia é duplamente gratificante, pois quando entramos em contato com o conhecido, temos a satisfação de nos encontrarmos no próprio texto, em um processo rápido de identificação que facilita a acomodação, porém na experiência com o desconhecido, acontece-nos a descoberta de modos alternativos de ser e viver. Portanto, a tensão entre esses dois polos, o confortável e o estranho desconhecido, patrocina a forma mais agradável e efetiva de leitura.

Essa teoria é também defendida por Miriam Mermelstein, no que refere à poesia, segundo a autora a poesia amplia o domínio da linguagem e capacita o leitor na construção do conhecimento. Assim, ela possibilita o falar, o conhecer o “eu”, o “outro” e o mundo, levando o estudante à recriação e à busca de novos sentidos (2006). No entanto é o texto poético, o menos trabalhado na escola, sendo que a presença deste texto em livros didáticos é quase insignificante e seu uso, muitas vezes é restrito às solenidades e datas comemorativas – dia das mães, professores, da família, e outras.

2.2 POESIA NA SALA DE AULA: ESPAÇO PARA A ALEGRIA E CRIATIVIDADE

Seria a poesia uma frágil vítima da escola? Segundo a autora Marisa Lajolo (Lajolo, 2002), há antigas desavenças entre poetas e o uso que a escola costuma fazer da poesia. Conforme a autora, essas desavenças datam de 1904 – quando os autores criticavam de forma veemente a utilização de suas Poesias Infantis. Olavo Bilac, por exemplo, era um dos críticos – salientava que era escassa a quantidade de poesias destinadas ao público infantil e que as histórias destinadas a esse público, aludia a fazer medo de coisas que não existiam e frisava que em certos livros de leituras, as poesias infantis eram longas, sem sentido e que também não apresentavam nem um só verso certo. Hoje, como já mencionado, o repertório de textos poéticos para o mundo infantil, abordados em livros didáticos continuam insuficientes.

A poesia, segundo Averbuck (1991), não tem o merecido espaço na escola, pois há resistências quanto ao ato de ler, interpretar, criar e recriar poemas. Por se tratar de um gênero ligado, ainda implicitamente, à subjetividade, muitos professores encontram dificuldades em trabalhar com o texto poético; isso o torna menos cultivado no ambiente escolar, que perde o contato prazeroso com uma das mais belas formas de arte: a poesia.

Num passado não muito distante, contar histórias e recitar poemas era uma prática familiar e escolar constante. Atualmente, esse costume parece ter se perdido ou até mesmo substituído pelas novas tecnologias. Na família moderna, o cotidiano profissional é intenso, pais e mães trabalham para suprir as necessidades financeiras, deixando a cargo de outrem a educação dos filhos. Muitas vezes, chegam cansados e deparam com a rotina doméstica, não cabendo aí, um tempo para contar histórias, mais “fácil” é entregar o aparelho celular para o filho, assim enquanto assistem a vídeos ou jogam, podem continuar sua batalha diária ou descansar para próxima jornada.

Não há como negar, que a área da leitura ocupa um lugar de destaque na escola, porém, é pensada no âmbito da alfabetização. Essa, é o foco central e fator determinante de êxito e fracasso. Assim, o processo de letramento literário nem sempre ocupa lugar de destaque na sala de aula. A escola quase não oferece possibilidades para a realização de propostas significativas para o fomento da leitura como prazer, ou seja, propostas que possibilitem o encantamento com o mundo imaginário que o gostar de ler proporciona. O prazo para cumprir todo conteúdo é mínimo, mesmo quando é explicitado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que uma das habilidades da Língua Portuguesa é *“Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando, em sua diversidade cultural, como patrimônio da humanidade (EF15LP15)”*.

No entanto, ler ficção e poesia não é entrar num mundo mágico, irreal e alienado, mas captar a realidade mais intangível, aquela sedimentada no imaginário a partir das inferências do cotidiano da história individual e social e a partir daí, auferir um conhecimento muito mais profundo, do porquê humano. E por isso, não justifica o pretexto da escassez de tempo, uma vez que há textos em todo cotidiano escolar e fora dele.

De certo, não existe literatura sem leitura e sendo, segundo Hans-Robert Jauss (1979), a função ativa e criadora do leitor o primeiro destinatário da obra literária, pois o diálogo dessa com seus leitores, num processo de produção e recepção, depende a historicidade da literatura, ou seja, a obra permanecerá viva enquanto pode se relacionar com o leitor, sem garantias de

que esse, algum dia irá chegar ao que “o autor quis dizer”, ou seja, cada pessoa tem sua interpretação do que está sendo lido. Ler o texto literário implica, portanto, numa aprendizagem, que se realiza na prática do contato com os textos, cabendo à escola pública, uma vez que atende a maioria dos desprovidos economicamente, a tarefa de promover o acesso desses à cultura letrada.

Geralmente, os textos literários, incluindo a poesia, quando trabalhados são contemplados de forma fragmentada em livros didáticos com o objetivo exclusivo de ensinar regras linguísticas ou informações a respeito da história literária, sendo que no último caso, só fará sentido para o estudante no futuro, se eventualmente prestarem vestibular. Mesmo assim, se a instituição avaliar tal conteúdo, pois atualmente o ingresso às universidades tem outra conotação, exige outras habilidades e competências leitoras.

Todas as formas de literatura são importantes, muitas vezes o estudante tem acesso aos textos, somente em livros didáticos e em situações de estudo dirigido. Nesse tipo de obra, geralmente há um direcionamento, ou seja, não há uma liberdade de expressão, de pensamento. A liberdade interpretativa é tolhida – todos são levados a raciocinar de uma mesma maneira. Neste sentido, o estudante pode ser levado a imaginar que todos os livros, são na verdade, um livro didático. Que mesmo ao ler um livro de poesias estará sempre estudando. Segundo, Ricardo Azevedo (2004, p.39) *“É importante deixar claro: para formar o leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço, e que se justifica e se legitima justamente através dessa comunhão estabelecida.”*

2.3 - LER É UMA BUSCA DE SENTIDO, UM DESVENDAR DO MUNDO

O texto, de certa forma, permite uma conexão entre escritor e leitor, quando o primeiro difunde suas ideias ao escrever um texto – tem em mente pensamentos inseridos em um contexto que lhe são singulares. Ele está construindo sentidos a partir de sua maneira de perceber o mundo. Contudo, o leitor ao ler tal texto, poderá ter outro conhecimento de mundo e contexto, o que lhe permitirá uma (re)construção de sentidos.

Quando li o livro Pequeno Príncipe pela primeira vez, era adolescente e estudante de Magistério, por consequência minha visão de mundo era diferente da que tenho hoje. Não conseguia reconhecer e entender as metáforas contidas no texto. Contudo, não me envergonho de dizer que cada vez que me deparo com esse texto, posso ter uma reflexão diferente. A certeza

que tenho e provavelmente, o que penso sobre o texto, pode não ter nada a ver com que Antoine de Saint-Exupéry quis dizer.

Dessa forma, o que quero dizer com isso tudo é que há atividades trabalhadas em sala de aula que ao invés de propiciar as capacidades criativas dos estudantes, no que refere aos textos lidos, tentam “exorcizar” o pensamento do autor. Não há como o leitor saber o que o autor estava pensando ou o que quis dizer quando escreveu o texto. No máximo, podemos inferir, dependendo da época e contexto ao qual foi escrito.

Sem dúvida, o leitor ao ler um texto, lança mão de vários conhecimentos adquiridos em sua vivência no mundo e dos adquiridos sistematicamente em sala de aula. Segundo Ângela Kleiman, *“São vários os níveis de conhecimento que entram em jogo durante a leitura”*. (Kleiman, 1989).

Segundo a autora, há interações entre diversos níveis de conhecimentos, tais como o linguístico, o textual, o conhecimento de mundo e enciclopédico, entre outros, então, por interagir tais conhecimentos entre si, a leitura é um processo interativo. Contudo, sem o aliciamiento do conhecimento prévio do leitor, não haverá, segundo a autora, a compreensão e não havendo a compreensão, consequentemente haverá falhas na interação texto/leitor.

Ocasionalmente, oferecemos aos estudantes, textos que não condizem com seus conhecimentos prévios. Há atividades que não são planejadas para aquele grupo de estudantes – textos imensos, por vezes xerocados, que abordam temas sem sentido ou até mesmo que não atendem à faixa etária escolhida. Podemos perceber também, que são realizadas atividades de leitura, sem mesmo ter um objetivo claro. Mais uma vez, a leitura é tratada simplesmente como pretexto para um cumprimento de carga horária ou avaliativa.

Contudo, o presente projeto a ser aqui apresentado – **“Vestidos de poesia e calçados de imaginação: música e poesia em sala de aula”** - surgiu da necessidade de pensar e trazer para a sala de aula, a leitura como função imaginativa, pois percebo que os textos literários, incluindo a poesia, são pouco trabalhados na escola que atuo e, quando trabalhados são contemplados apenas em livros didáticos ou como já foi dito, objetivando exclusivamente o ensino de regras linguísticas ou de interpretação de texto orientada. Aludindo a autora Regina Zilberman, em seu texto “A leitura na escola” (Mercado Aberto, 1993) – *“(...) a proposta de que a leitura seja reintroduzida na sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando sobretudo a recuperação do contrato do aluno com a obra de ficção.”*

Neste sentido, o recurso à literatura poderá desencadear com eficiência, um olhar da criança e do jovem para o texto e uma nova maneira de ser relacionar com o professor, uma vez que uma das finalidades da leitura literária é estimular uma vivência singular do leitor com a obra, visando seu enriquecimento pessoal, contudo, evitar cobranças ulteriores e, muito menos posteriores.

Outra vantagem do texto literário, especialmente a poesia, é que toda interpretação é em princípio válida, pois dependerá da singular leitura de mundo de cada leitor, assim, não há uma verdade pronta e acabada. Há textos, que a cada época que lemos, interpretamos de uma forma – eu e o Pequeno Príncipe que o diga. Com isso, a relação entre professor e estudante se torna mais próxima e que o segundo – *“se torna coparticipante, e o professor menos sobrecarregado e mais flexível para o diálogo”*. (Zilberman, 1993)

De certo modo, não podemos deixar de observar e valorizar que o texto poético se faz presente no cotidiano dos estudantes, quando esses registram versos, mensagens de seus colegas em agendas, vez ou outra escrevem versinhos para os professores e parentes. Cantam letras de rap e utilizam da música para manifestar suas satisfações e indignações. Contudo, percebo que todo esse material não é levado em consideração na escola. E perguntam o porquê de o fone do celular estar sempre conectado no ouvido dos estudantes. Ouso responder que não há conexão com certas escolhas didáticas, hoje ultrapassadas por novos tipos de letramento, o digital, por exemplo.

O poeta Carlos Drummond de Andrade afirmava:

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem via de regra, fazê-lo através da poesia matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de *viver poeticamente o conhecimento e o mundo*. [...] O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética. (DRUMMOND *apud* AVERBUCK, 1993, P. 66-67)

Contudo, como o ensino de literatura não tem um valor significativo, ou seja, por não apresentar um propósito específico ou utilização social, fica fadado ao esquecimento e deixado de lado nas propostas de atividade. Vale aqui lembrar, que os escritores, principalmente os poetas são discriminados em uma sociedade capitalista que visa somente o acúmulo de riquezas materiais. Então, o mais importante é que os estudantes tenham o máximo possível de conteúdos que permitam sua formação para o trabalho. No entanto, a sociedade precisa reconhecer que o ensino de literatura é muito importante para o desenvolvimento cognitivo, pois permite ao

estudante a reflexão e diálogo com sua individualidade e com o coletivo, o que o autoriza a ter novas visões sobre o mundo que o cerca. Então, o trabalho com textos literários, principalmente a poesia, não deve ser restrito às disciplinas de Língua portuguesa e Literatura, mas deve e pode ser trabalhados em todas as outras disciplinas.

Indubitavelmente, desenvolver o gosto e o prazer pela leitura e conseqüentemente, sanar as dificuldades de compreensão e de sentido, pois conforme o já exposto, acredito que quanto mais o estudante exercitar sua capacidade leitora, melhor será seu desempenho e capacidade de compreensão dos vários gêneros e tipos textuais, tornando-se autônomo da língua escrita e um desbravador crítico do mundo que o cerca.

2.4 APRENDER PARA ENSINAR: O ENSINO DE LITERATURA E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Desde os primórdios, a escola e a literatura são parceiras. Contudo, mesmo valendo-se da segunda desde a antiguidade, a escola não prepara os estudantes para o gosto e prazer da/pela leitura. Seu objetivo ao utilizar textos literários, incluindo a poesia, é habilitar sujeitos à escrita e à leitura seletiva, ou seja, sua intenção é a transmissão de conteúdo.

Certamente, não há como negar, que a área da leitura ocupa um lugar de destaque na escola, porém, é pensada no âmbito da alfabetização – que é foco central e fator determinante de êxito e fracasso escolar. Assim, o processo de letramento literário e demais letramentos nem sempre ocupam lugar de evidência na sala de aula - como já mencionado, quase não é oferecido possibilidades para a realização de propostas significativas para o fomento da leitura como prazer e como condutora de conhecimento, ou seja, propostas que possibilitem o encantamento com o mundo imaginário que o prazer e o gostar de ler proporcionam.

Desde o início, o estudante lê para submeter sua leitura e compreensão do texto lido à avaliação do outro. Comumente sua liberdade de ler vagarosamente, interpretar e imaginar sobre um texto é desabonada, pois tudo que chega à escola – principalmente via livro didático parece ser uma verdade única – distribuída em questões de múltipla escolha. Contudo, sabemos que a leitura é polissêmica, plural e que a maneira que o sujeito interpreta um texto, depende de sua própria leitura de mundo – do que ele já viveu, do que já leu, das coisas que ouviu e outros. Então, conforme afirma LAJOLO (2002) – *“Do mundo da leitura à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola.”* (2002, p.7)

É fato que, nas últimas décadas, o advento das linguagens tecnológicas e midiáticas trouxeram inúmeros benefícios para o desenvolvimento humano, entretanto, a busca pela atenção dos(as) estudantes em sala de aula, tem sido um desafio, uma vez que tais ferramentas possibilitam o acesso instantâneo às diversas mídias – música, mensagens de áudio e vídeo etc. De certo modo, o professor se sente ameaçado e confuso, pois percebe que o desinteresse dos estudantes pela leitura, principalmente pela literatura só aumenta. Então, diante dos fatos, cabe ao professor a ação primordial de mediador, motivador (não no sentido de dar motivo, mas no sentido de causar), incentivador – devendo demonstrar por meio de ações efetivas (principalmente a de ensinar a compreender o texto escrito), que a leitura é fundamental e, assim fazer desabrochar na criança e/ou jovem a mesma habilidade e paixão leitora.

Entretanto, o que percebo ao observar as práticas pedagógicas atuais é que muitas não contemplam as transformações mundiais, principalmente no que refere às inovações tecnológicas. Pelo contrário, há em sala de aula um descompasso entre o professor, nascido na era da escrita e o estudante, que logo ao nascer já se encontra imerso em uma cultura digital. De certo, também não há como não solidarizar com a situação vivida pelos professores, principalmente os de escolas públicas, que em toda formação acadêmica foram preparados para valorizar e utilizar os clássicos em uma sala de aula considerada ideal. Porém, ao depararem com a realidade percebem-se sem os artefatos tecnológicos necessários, em um mesmo ambiente com jovens que navegam, com certa desenvoltura, em outros tipos de linguagem, principalmente a digital. Sobre o disposto, Marly Amarilha (2012) afirma que:

É visível que muitos desses novos leitores parecem já adaptados ao ritmo das novas linguagens. Essa observação inicial exige, nesta segunda década do século XXI, mudanças simultâneas, no olhar para o mundo e nas práticas educativas. Esses jovens leitores, muitos nativos desse território de novas mídias, continuam a solicitar educadores qualificados para que potencializem essas habilidades recém-emergentes e os tornem argutos selecionadores dos materiais aos quais são expostos. Nessa nova geografia tecnológica e humana, o papel da educação e dos educadores permanece fundamental para que as novas gerações dele se beneficiem. Da mediação crítica depende o desenvolvimento intelectual, científico, ético e social do cidadão. (2012, p.7)

Inevitavelmente, para impedir o abismo entre culturas, a escola precisa refletir sobre suas práticas didáticas e pedagógicas – vislumbrando a formação leitora desses novos sujeitos culturais, que com os pés no presente e antenados no futuro, também necessitam revisitar o passado e reconhecer seu valor. Em virtude disso, cabe ao professor, responsável pela formação literária escolar, além do cultivo ao gosto pela leitura, o inevitável retorno aos bancos das universidades - tendo em vista que grande parte dos educadores, além de não terem uma formação continuada de qualidade, passam longe de bibliotecas e/ou livrarias. Na ocasião,

aproveito para registrar aqui o que a saudosa professora de Metodologia do Trabalho Científico, Lusia Ribeiro, nos recomendou em tom sentencial no primeiro dia de aula: *“Vocês passaram no vestibular para o curso de pedagogia, de certo serão professores, parabéns! Mas nunca esqueçam: ler e escrever é para sempre!”*

No mesmo sentido, o professor Marcelo Chiaretto (2013) afirma que:

Em todos os níveis de ensino há uma maioria de educadores que está fora do processo de letramento literário e mereceria inserir-se nessa prática sociocultural. Entretanto, o caso dos educadores das séries iniciais do Ensino Fundamental se apresenta como mais grave, por serem eles responsáveis pelos primeiros contatos das crianças e jovens com as obras literárias. Não tendo o gosto da leitura e não se apresentando como amantes de livros junto a seus alunos, esses educadores precisam de oportunidades para mudar esse comportamento, assim beneficiando os estudantes, e também melhorando sua própria inserção cultural por meio do prazer intelectualizado da leitura literária. (2013, p. 02)

Essas evidências apontam para notória necessidade de uma formação literária não só para os estudantes, mas também para os educadores, especialmente os que atuam nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Por educadores, entendo todos os agentes participantes da comunidade escolar, porque acredito que a responsabilidade pela formação literária é principalmente do professor, contudo, não é, de forma alguma, uma função exclusiva desse, uma vez que segundo Regina Zilberman (2008, p. 24) *“a leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam experiências e confrontam-se gostos. Portanto não se trata de uma atividade egocêntrica, se bem que, no começo, exercida solitariamente; depois aproxima as pessoas e coloca-as em situação de igualdade, pois todos estão capacitados a ela”*.

A autora afirma ainda, que mesmo que o texto literário/ artístico não ensine nada, o que acredito ser quase impossível, seu consumo cumpre o papel de incitar algumas práticas socializantes. Pois, poderá levar o leitor a expressar suas emoções e sua visão de mundo a outros leitores, que da mesma forma também têm como bagagem, experiências vividas diferentes ou não, o que propiciará um diálogo/debate, uma interação e possivelmente, como consequência, uma mudança da realidade. Poeticamente, Silva (2008, p. 28) sintetiza a função socializadora da literatura: *“Quem conta um conto aumenta um ponto, mas não é só isso; é também aumentado um ponto pelo conto. Placenta de mensagens, o texto literário, lapidado, põe à prova, dispõe multivocidades, obriga à solidariedade do caminhar juntos.”*

Contudo, para que o “caminhar juntos” ocorra, necessário se faz uma transformação na compreensão de como formar novos leitores. Para tanto, o educador precisa ser um disseminador cultural, ou seja, demonstrar efetivamente que é um apaixonado pela leitura e, abandonar definitivamente práticas pedagógicas que obrigam e/ou utilizam da literatura como pretexto, o que é uma visão restrita da função literária. Neste sentido, Chiaretto (2013) afirma:

(...) Só um educador-leitor, com um repertório textual rico e diversificado, envolvido verdadeiramente com o universo da literatura, pode formar leitores e organizar seu material didático sem usar estratégias acomodadas ou autoritárias, sem fechar-se no espaço escolar e sem desvincular-se da vida social. E uma formação literária satisfatória apenas se conforma quando o educador reconhece o potencial civilizador e humanizador da leitura literária. (2013, p.3)

Sob o mesmo ponto de vista, a pesquisadora Anne-Marie Chartier (2005) aponta que - *“(...) o importante não é levar a ler literatura, mas, simplesmente, transformar as crianças e os jovens em leitores, visando que no futuro eles sejam capazes de escolherem, sozinhos as boas leituras que farão e sentirão prazer em fazer, mesmo sendo leituras de revistas, gibis ou jornais.”* Então, fica ratificado que ao restringir a oferta de leitura a autores clássicos, o educador deixa de cumprir o papel de disseminador cultural e opta por assumir uma postura autoritária, colonialista e conseqüentemente excludente.

Cabe aqui ressaltar, que a atitude autoritária de educadores ao conceber que os textos disponibilizados por eles, com a função, segundo esses, de “civilizar” os estudantes, denota, na visão de CHIARETTO (2013) um engano, pois *“o ato de civilizar ou a noção de civilização costuma trazer consigo um conjunto de concepções relacionadas a movimentos de colonização e conseqüentes fábricas de exclusão.”* Fica então evidenciado, nessa postura equivocada dos educadores, a defesa de um modelo superior de civilização em detrimento de outra, considerada inferior. Tal modelo, baseado em paradigmas eurocêntricos hegemônicos, tem como propósito além de nulificar e/ou desvalorizar os conhecimentos construídos por homens e mulheres considerados subalternizados, a incumbência de impor a esses uma maneira de pensar e agir de acordo com uma visão de mundo considerada única e verdadeira e o que é pior, têm a missão de calar.

2.5 LEITURA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO: PROPOSTA DE TRABALHO COM TEXTOS MULTIMODAIS.

É fato que o ensino de literatura é um dos meios mais eficazes para o desenvolvimento cognitivo, não só dos estudantes, mas de todos sujeitos, uma vez que expande as possibilidades de leitura e faz com que o leitor se identifique, reflita, dialogue com o próprio texto e com outros leitores. Além disso, por ser plurissignificativo e polissêmico, o texto literário permite ao leitor várias leituras, o que denota uma certa liberdade. É o que se pretende exemplificar no projeto **“Vestidos de poesia e calçados de imaginação” – música e poesia em sala de aula.**

No que refere à poesia, objeto desse trabalho, tal liberdade é ainda mais evidente, em especial para leitores infantis, pois o texto poético por sua natureza apela à imaginação. O que

segundo Averbuck (1993) é “*domínio em que a criança movimenta livremente*”. A autora salienta ainda que por se tratar de uma vivência, *a poesia não pode ser ensinada, mas vivida, então, o ensino de poesia, é assim, o de sua descoberta*. Diante disso, a questão é como trabalhar a poesia na escola?

Os trabalhos realizados pelos autores Averbuck (1993), Pinheiro (2018), Amarilha (2011) e outros, apontam que o texto poético tem sido trabalhado de forma equivocada pela escola. Para esses autores, é necessário criar condições para despertar nos estudantes possibilidades de despertar a criatividade, a sensibilidade e a compreensão do real. Por isso, a poesia não pode ser trabalhada de qualquer maneira, a qualquer momento da aula.

Neste sentido, Averbuck salienta que, o texto poético demanda do estudante descobrir, por si mesmo, de que maneira a poesia fará sentido para sua vida e de que tipos de poesia irá gostar ou não, criando assim sua própria antologia. Então, para que o chamado “estado poético” (Averbuck, 1993) ocorra, o professor deve dispor de textos poéticos variados, ou seja, deverá selecionar poemas que lhe agradam, o que é muito importante, mas também deverá eleger outros, que estejam mais afinados com o momento didático, com o gosto dos alunos e por temas atuais, sociais, emocionais e outros.

Além disso, oferecer e ler bons poemas, pelo menos uma vez por semana sem objetivos pragmáticos (PINHEIRO, 2018) faz com que os estudantes tenham mais contato com o texto, contudo o professor precisa estabelecer critérios na escolha do que irá trabalhar e na criação de antologias. Ainda, para enriquecer as aulas, tais poemas podem ser combinados com músicas (há disponível na mídia muitos poemas cujo temas relacionam-se com músicas) e cantadas por professor e alunos. Sobre a iniciação dos estudantes à poesia, Amarilha afirma que

a iniciação à poesia pode, então, ser a experiência que, ao justificar a escolarização, possibilita ao aprendiz explorar sua própria capacidade leitora, dar-lhe identidade cultural, social. Isto é, ao interagir com a multiplicidade poética, o aprendiz pode tomar para si a experiência de pertencer à cultura letrada porque domina seu direito e avesso, qual sejam a norma e a ruptura. (AMARILHA, 2011, pg. 144)

Um outro aspecto a ser considerado no trabalho com textos poéticos, trata-se de sua forma, pois dependendo do suporte, esses textos podem agrupar em um mesmo espaço sonoridade, imagem, musicalidade, sonoridade etc., o que permite possibilidade de práticas de variadas formas de leitura, favorecendo assim, o multiletramento. A poesia digital, por exemplo, é um tipo de poesia contemporânea, formada por palavras que assumem formas gráficas, imagens, grafismos, sons, elementos animados ou não, e podem ser interativas, hipertextuais e/ou hipermediáticas, presentes em textos nos espaços digitais. Assim, a poesia

acompanha as mudanças da tecnológicas e se insere em espaços cibernéticos. Contudo, há disponível para o trabalho em sala de aula, diferentes tipos de poesias.

Assim, a escolha do texto poético para realização da proposta de sequência didática em anexo, contempla além de todas as vantagens deste gênero, a possibilidade de utilizar em sala de aula, um gênero que os estudantes já utilizam, mesmo que inconsciente, em seu dia a dia, pois durante todo o tempo registram em agendas e/ou cadernos de seus colegas, parentes ou professores mensagens e versos. Percebo então, que a poesia está presente no cotidiano destes, das mais variadas formas – versos e cantigas, cantigas de ninar, nos bilhetes e cartões ofertados nas diferentes datas comemorativas, nas letras do Rap, em jogos com rimas, músicas e outros, contudo, está pouco presente no livro didático adotado e nas atividades em sala de aula.

Portanto, para aproximar ainda mais da realidade do estudante e promover o incentivo a sua própria escrita, há também a proposta do trabalho com outros tipos de expressões sociais: *Rap ou Funk*, sendo que o primeiro se apresenta como uma forma poética de escrever, de expressar e ver o mundo, objetivando demonstrar pela música e letras as insatisfações, denúncias, conquistas e outros. Porém, o uso dessas expressões na proposta de atividade, será restrito da música, ou seja, a proposta se baseará na utilização, pelos estudantes, das batidas do funk e da base do rap, para musicalizar poemas e músicas sugeridos. O samba por sua vez, pode ser considerado muito mais do que um gênero musical, é sim, a alma de muitos brasileiros, como define Arlindo Cruz, na música o “*Samba é a nossa cara*”², que diz:

*Sem sambar a vida é triste
Olha eu sou semente (eu também sou)
Elo da corrente (eu também sou)
Olha eu estou contente em ver alegria em vocês
Salve o nosso samba
Muito tempo ele existe
E agora o povo sabe
Sem sambar a vida é triste*

*Olha eu sou dolente (eu também sou)
Sou partido alto (eu também sou)
Olha eu sou aquilo que o povo mais gosta de ouvir
Batida de cavaco e tantã ninguém resiste
E a gora o povo sabe
Sem sambar a vida é triste
Por que no samba
A vida é mais bonita*

²“O Samba é a nossa cara” autores: Arlindo Cruz e Sombrinha Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/arlindo-cruz-e-sombrinha/162698/>> Acesso em: 27/09/2021

*Coração logo palpita
E o dia a dia da gente
Samba que a cabeça cria
A boca que canta e a alma que sente*

*E no samba que a gente fica assim sorrindo
E no samba que a gente fica resistindo
No samba se faz amigos
No samba também se namora
Fica de lado a tristeza
Se esquece o tormento da vida lá fora
E o samba que a gente já nasceu amando
E no samba que a gente vai morrer cantando
O samba e isso e muito mais
Paixão de tantos carnavais
Samba e a nossa cara
E a cara do povo
E a cara da paz*

Conforme o já exposto, as atividades propostas no trabalho **“Vestidos de poesia e calçados de imaginação” – música e poesia em sala de aula** têm como objetivo principal reforçar o papel do leitor enquanto construtor de sentido e propiciar ao educando uma aproximação com situações que possibilitem se ver como ser humano – capaz de identificar sua essência, suas emoções, sentimentos e de despertar sua subjetividade, utilizando-se de estratégias, tais como: seleção, antecipação, inferência e verificação.

Portanto, desenvolver o gosto e o prazer pela leitura e conseqüentemente, sanar as dificuldades de compreensão e de sentido, pois acredito que quanto mais o estudante exercita sua capacidade leitora, melhor será seu desempenho e capacidade de compreensão dos vários gêneros e tipos textuais, tornando-se um usuário autônomo da língua e das diversas linguagens, principalmente no que refere a textos poéticos.

De tal modo, a seleção ou a elaboração das atividades deve basear naquilo que se espera alcançar, ou seja, deve estar em sintonia com os objetivos propostos. Assim, a atividade é sempre um meio, um instrumento, uma ferramenta para se alcançar um determinado fim.

Sendo assim, a abordagem metodológica que se escolhe dependerá da natureza do conhecimento e da capacidade a serem desenvolvidos, devendo harmonizar com as habilidades requeridas em cada um dos eixos de trabalho: compreensão e valorização da cultura escrita; apropriação do sistema de escrita; leitura; produção de textos; desenvolvimento da oralidade.

Muitas dessas capacidades necessitam de uma rotina mais intensa e sistemática de atividades, as capacidades de aquisição do sistema de escrita, por exemplo, devem ser

contempladas por projetos de trabalho. Este último, possibilita ao professor outras maneiras de ensinar e aos estudantes diferentes formas de aprender, uma vez que *“nos projetos potencializam-se os caminhos alternativos, as relações infrequentes, os processos de aprendizagem individuais, porque, deles aprende o grupo.”* (HERNÁNDEZ, 1998).

Assim, o projeto aqui apresentado permite uma aprendizagem mais significativa, pois estabelece conexões com conhecimentos já adquiridos pelos estudantes, com seus esquemas internos e externos de referência, ou com as hipóteses que possam estabelecer sobre o problema ou tema. Permite também ao professor, uma previsão das atividades de forma lógica e sequencial dos conteúdos, o que torna o estudo mais prazeroso, pois se a motivação for bem trabalhada, haverá sempre uma expectativa positiva por parte dos estudantes. Então, por tudo que já foi exposto, fica demonstrado que o trabalho com sequências didáticas no que refere ao ensino/aprendizagem de textos literários, desfaz a barreira do ensino tradicional e possibilita aulas mais interativas e dinâmicas, onde o estudante passa ser o centro e assim, demonstrar interesse pelas aulas de leitura, tomando consciência da importância dos diversos gêneros para seu desenvolvimento como leitor e, conseqüentemente, como ser humano livre.

A sequência didática “Vestidos de poesia e calçados de imaginação” surgiu com o objetivo de trazer para sala de aula a leitura como função imaginativa e assim, ressignificar o trabalho com poesia na escola, após perceber que o texto poético, como já exposto, fazia e ainda faz parte do cotidiano dos estudantes da escola em que trabalho, mas não consagrado nas propostas de trabalho em sala de aula. Assim, em 2008, iniciei um trabalho com estudantes do 4º ano do ensino fundamental, onde os textos literários, em especial a poesia, independente da disciplina lecionada, eram trabalhados.

Na época, foram auferidos as preferências e os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o assunto e surgiram múltiplas propostas de atividades – ler, ouvir e produzir poemas; conhecer poetas (bibliografias); recitar poemas escolhidos pelo estudante de forma espontânea; digitar e ilustrar seus próprios poemas e exposição em varal de poesia de autores consagrados e de autoria própria. Assim, brincando com as palavras, o título do projeto sugere que o trabalho com o texto poético proporcione ou desperte no estudante o gosto pela leitura e conseqüentemente, sua imaginação criativa. Vale lembrar, que na primeira atividade proposta pela sequência didática os estudantes produziram um varal de poesias, onde vestidos e calçados confeccionados por eles em folhas coloridas, eram suporte dos textos produzidos. Surgindo,

assim, o nome do projeto. Contudo, a atividade em anexo é uma das muitas atividades que foram desenvolvidas com os estudantes e está aqui como sugestão e exemplo.

3 PROPOSTA DE ATIVIDADE

3.1 ROTEIRO DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL: VESTIDOS DE POESIA E CALÇADOS DE IMAGINAÇÃO: MÚSICA E POESIA EM SALA DE AULA

NOME DA ESCOLA:			
Nome do(a) Professor(a)			
Atividade: “Vestidos de poesia e calçados de imaginação” – música e poesia em sala de aula			
Área de conhecimento: Linguagem			Componente Curricular: Língua Portuguesa
Ano: 5º ano	Turma: A	Bimestre/ trimestre 1º	Duração tempo/aula: 50 minutos /Quinzenal
Campo de atuação: Artístico Literário			Eixos: Leitura – Análise Linguística/Semiótica - Produção textos orais
Data: 03 de março a 30 de junho de 2021			
Competências específicas a serem desenvolvidas nesta aula			
<p>1-Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-se e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais culturais.</p> <p>5- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. 3- Valorizar e fluir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. 9- Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.</p>			

Habilidades a serem desenvolvidas nesta aula:

(EF35LP21) Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. Formação do leitor literário/ Leitura multissemiótica .

(EF35LP23) Apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido. Textos dramáticos.

(EF35LP31) Identificar, em textos versificados, efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos rítmicos e sonoros e de metáforas.

(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

(EF15AR13RS35-1) Exercitar a escuta atenta para identificar e apreciar diversas formas musicais representadas pela cultura regional e por suas diversas etnias culturais em diferentes gêneros (xote, fandango, milonga, polca, valsa, entre outros).

(EF15AR21RS35) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de jogos teatrais, músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

Encaminhamento**metodológico****Objetos de conhecimento (conteúdos, conceito e processos):**

- Desenvolvimento da sensibilidade dos alunos para linguagem poética;
- Retextualização de texto poético em música e Aldravias;
- Ser capaz de argumentar sobre vídeos e/ou textos lidos;
- Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários;
- Transformação de um gênero musical em outro;

Conhecimentos prévios necessário:

Espera-se que os estudantes sejam capazes de reconhecer, consumir e utilizar criticamente os diversos gêneros musicais, estejam familiarizados com mundo digital, principalmente com a plataforma YOUTUBE e compreendam as variações de linguagem e elementos discursivos de acordo com os gêneros e meios utilizados pela poesia.

Recursos

Vídeos via plataforma Youtube; Pendrive com Playback contendo fundo musical – gêneros Funk e Rap; Floras xerocadas com a letra da música – “*Torresmo à milanese*” e “*O bicho*”; aparelho de som e multimídia;

Procedimentos e atividades avaliativas

- 1- Apresentar, por meio de projetor multimídia a música “Torresmo à Milanesa” cantada por Clementina de Jesus e Adoniram Barbosa. Após audição, fazer perguntas, previamente formuladas: Já ouviram essa música? Já ouviram outras músicas da cantora Clementina de Jesus? Sabem o que é torresmo? Já comeram? Gostaram?
- 2- Entregar folha xerocada, contendo a letra da referida música; pedir para que os estudantes façam uma leitura individual e que identifiquem o assunto principal; posteriormente, solicitar que destaquem palavras desconhecidas;
- 3- Promover discussão espontânea sobre o texto; fazer intervenção com as seguintes perguntas: De que se trata o texto? Vocês acham que se trata de uma história? Contada por quem? O que significa a expressão “*Pra fazer o quilo*”? Já ouviram antes? Encontram no texto, alguma palavra com a ortografia diferente? Quais? Por que acham que foram grafadas dessa forma? – levar os alunos a concluir que, as personagens do texto são pessoas desprovidas de recursos, trabalhadores da construção civil...
- 4- Pedir que observem a última estrofe abaixo e responder oralmente o seu sentido:

“O mestre falou
Que hoje não tem vale não
Ele se esqueceu
Que lá em casa não sou só eu”
- 5- Ouvir novamente a música e cantar juntamente com os estudantes;
- 6- Entregar a folha contendo o poema “O bicho” de Manoel Bandeira e assistir ao vídeo <https://youtu.be/bnLj7BnWW54>.
- 7- Leitura silenciosa e oral do texto;
- 8- Após as leituras, levar os estudantes a observar a ilustração e relacioná-la ao poema; também perguntas sobre as semelhanças e diferenças do enunciador do primeiro texto com o segundo;
- 9- Pedir aos estudantes que separem em grupos de 5 componentes - uma parte dos estudantes deverão trabalhar com o texto 2 e a outra parte com texto 3.
- 10- Pedir para que ouçam as batidas de Funk ou Rap contidas em pendrives ou se preferirem, poderão pesquisar outros playbacks em ferramenta de busca;
- 11- O objetivo da atividade é que os grupos “retextualize” ou modifique a sonoridade dos textos 2 e 3 – transformando-os em Rap ou Funk e posteriormente apresente para turma e escola.

Avaliação: Trabalho de Casa

- 1- Os estudantes deverão, seguindo as regras de produção de poesia digital, reescrever o poema “*O bicho*”. (Aqui, o professor já terá trabalhado sobre Poesia e poemas digitais).

2- Após a escrita, poderão apresentar de forma espontânea os textos produzidos e apor em mural apropriado em sala de aula.

Anexos

Texto 1 : Disponível em
<https://youtu.be/9BIN4x7Z8EE>



Texto: 2

Torresmo à milanês

Adoniran Barbosa

O enxidão da obra bateu onze hora
 Vam s'embora, João!
 Vam s'embora, João!
 O enxidão da obra bateu onze hora
 Vam s'embora, João!
 Vam s'embora, João!

Que é que você trouxe na marmita, Dito?
 Truxe ovo frito, truxe ovo frito
 E você Beleza, o que é que você troxe? Arroz
 com feijão e um torresmo à milanesa, Da minha
 Tereza!

Vamos almoçar
 Sentados na calçada
 Conversar sobre isso e aquilo Coisas
 que nós não entende nada Depois,
 puxá uma páia
 Andar um pouco
 Pra fazer o quilo

É dureza João!
 É dureza João!
 É dureza João!
 É dureza João!

O mestre falou
 Que hoje não tem vale não
 Ele se esqueceu
 Que lá em casa não sou só eu

Fonte: [Musixmatch](https://www.musixmatch.com)

Compositores: Carlinhos Vergueiro / Adoniran
 Barbosa

Letra de Torresmo à milanesa © W.b.m. Music
 Corp. O/b/o Edicoes Musicais Ltda.

Texto 3

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

O Bicho: Manuel Bandeira

Poema narrado: <https://www.youtube.com/watch?v=bnLj7BnWW54>

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que antes mesmo do surgimento da escola, a poesia, que posteriormente foi denominada literatura, já era utilizada na Grécia para divertir a nobreza no intervalo de uma guerra ou outra. Também eram organizados por Pisístrato torneios públicos para declamação das epopeias. Então, é importante salientar que a poesia sempre esteve presente na vida dos homens e mulheres, seja em forma de cantigas de roda, seja nos rituais das sociedades antigas, em manifestações populares – nos poemas de amor e de resistência social, como nas letras de rap, nas poesias marginais etc.

No entanto, segundo salienta os autores Pinheiro (2018), Averbuck (1993), Amarilha (2011) e outros, o contato que os estudantes têm atualmente com o gênero em sala de aula é quase nulo. Percebe-se que os textos poéticos são utilizados pela escola geralmente em solenidades ou em atividades de interpretação e/ou de estudo de classificação dos versos. Assim, restringindo o uso da poesia em tais metodologias, a escola perde a oportunidade de explorar as várias funções e qualidades desse texto. A poesia, por ser um texto dotado de uma linguagem singular, apresenta várias especificidades e possibilita a proximidade com outras expressões tais como a música, o teatro, as artes plásticas e desenho – portanto, o gênero pode assumir um papel integrador entre as demais expressões humanas. Além disso, por se tratar de um texto polissêmico e plurissignificativo a poesia permite ao leitor a liberdade de interpretação, possivelmente, esteja aí, a dificuldade que a escola tem em trabalhar com o gênero, tendo em vista que muitos autores apontam que a poesia não é

para ser “estudada”, mas sim sentida e apreciada. Então, o objetivo da escola ao propor o trabalho com poesia não é o de formação de autores de poesia, mas sim, de leitores criativos, críticos e imaginativos.

Para tanto, necessário se faz incluir no cotidiano escolar propostas inovadoras que venham ao encontro das necessidades e gosto do estudante, ou seja, propostas mais agradáveis e interessantes – que instiguem o imaginário; que propiciem uma reflexão sobre si e sobre o mundo que o cerca; Para isso, a leitura na escola não pode restringir somente às atividades obrigatórias, por cobrança ou simplesmente como pretexto avaliativo, deve ser vista sobretudo como uma experiência prazerosa capaz de iluminar os mundos de conhecimentos, proporcionar sabedoria, permitindo a conexão com autores e personagens literários, lugares, tempos e experimentos que jamais poderíamos conhecer pessoalmente – extravasar a imaginação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura e conhecimento**. Signo, Santa Cruz do Sul, V.32 n 53, p.26-41, dez,2007.

_____. **Formação do leitor: Leitura da literatura**. In: Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Vera Teixeira de Aguiar/e/ Maria da Glória Bordini – Porto Alegre: Mercado Aberto.1988

AMARILHA, M. Educação para a sensibilidade: a leitura multimodal do poema e do livro de poesia para a infância. **Revista Educação em Questão**, v. 41, n. 27, 15 dez. 2011. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4005>>. Acesso em 25 de agosto de 2021.

_____. **Educação e leitura: novas linguagens, novos leitores**. Marly Amarilha (organizadora). – Campinas/SP: Mercado de Letras; Natal, RN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para literatura. In: Caminhos para formação do leitor. Renata Junqueira de Souza (org.). 1ª ed. São Paulo/SP. DCL. 2004.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**: 4ª ed. São Paulo, SP, Editora Scipione, 1994.

CHARTIER, Anne-Marie, CLESSE, Christiane; HÉBRARD, Jean; Trad. Carla Valduga. **Ler e escrever: entrando no mundo da escrita** – Porto alegre: Artes Médicas, 1996.

CHIARETTO, Marcelo. Letramento literário e recursos didáticos renovados para um cidadão. In: Revista Pesquisas em Discursos Pedagógicos. Rio de Janeiro, V. 02, p. 71-79, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ª ed, São Paulo: Cortez, 1989.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. Campinas/SP: Pontes, 1989.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed., São Paulo/SP - Editora Ática, 2002.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. 5ª edição – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

ZILBERMAN, Regina, **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto/ Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva** – 2ª ed. – São Paulo: Global; Campinas, SP: ALB- Associação de Leitura do Brasil, 2008.

_____ **A Leitura na escola.** In: *Leitura em crise na escola: alternativas do professor.* 11^a ed. Regina Zilberman (organizadora). Porto Alegre, Mercado Aberto, 1993.